

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**ANAÍSA VILLA ZANUZZO**

**LEVANTAMENTO MIDIÁTICO DA REPRESENTAÇÃO AUTISTA NO  
BRASIL: ASPECTOS E INTERFERÊNCIAS NA EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA**

**UBERLÂNDIA – MG  
DEZEMBRO 2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE BIOLOGIA  
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**ANAÍSA VILLA ZANUZZO**

**LEVANTAMENTO MIDIÁTICO DA REPRESENTAÇÃO AUTISTA NO  
BRASIL: ASPECTOS E INTERFERÊNCIAS NA EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso II  
apresentado a coordenação do curso de  
Ciências Biológicas da Universidade Federal  
de Uberlândia, como requisito parcial da  
obtenção de grau de Bacharel.

**Orientadora:** Dra. Daniela Franco Carvalho

**UBERLÂNDIA - MG  
DEZEMBRO 2019**

Dedico este TCC a minha família, que tanto confiou em mim e a todos os autistas que sofrem com o distanciamento dos colegas em período escolar. Espero que este trabalho possa lhes ajudar em algum aspecto de suas vidas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado durante este trajeto na vida universitária, sem Ele não este dia não seria possível.

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia pelo ensino de qualidade e pelas experiências que pude viver como discente.

Agraço à minha orientadora, Professora Doutora Daniela Franco Carvalho, pela orientação, pelas conversas e pela paciência, és uma pessoa de luz!

Agradeço aos meus colegas de turma, de curso e aos amigos pelo companheirismo durante esses anos.

Em especial, agradeço aos amigos Luiz Felipe Bairral Fonseca e Camila Bezzon pela paciência e pela ajuda neste momento em específico, não conseguiria sem vocês. Obrigada!

Da mesma forma, agradeço a Suzanna e Maria Eduarda, colegas de apartamento e de vida, pela paciência comigo nos dias difíceis e pelas risadas nos dias felizes.

Agradeço aos amigos da Associação Atlética Acadêmica Biológicas e Bateria Incendiária, pelos momentos de risada, descontração e pelo crescimento pessoal que pude viver junto a vocês. Vocês são parte de mim.

Agradeço minha família pela paciência, apoio e suporte emocional e financeiro, obrigada por me darem essa oportunidade e confiarem em mim. Eu amo vocês.

*“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.”*

Romanos 8:28

ZANUZZO, A. V. **LEVANTAMENTO MUDIÁTICO DA REPRESENTAÇÃO AUTISTA NO BRASIL: ASPECTOS E INTERFERÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**. 2019. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

## RESUMO

Este artigo traz a realidade da representação do autismo nas mídias sociais. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno caracterizado por déficits na socialização, aprendizagem, linguagem e interação social. Crianças e adolescente TEA em período escolar possuem direito, por lei, a atendimento especializado, porém nem sempre seus familiares e responsáveis possuem conhecimento dos mesmos. As mídias sociais possuem como função a divulgação de informações e socialização. Sendo assim, o objetivo deste estudo é levantar endereços eletrônicos que abordam o autismo, analisando se as informações contidas nestes podem auxiliam na socialização comunicação pessoal dos alunos autistas em período escolar. Este levantamento foi realizado nas mídias Facebook, Instagram, Twitter e na plataforma de streaming Netflix. Notou-se que, em algumas mídias sociais a escassez de conteúdo sobre o TEA e em outras, a falta de confiabilidade das informações repassadas. A utilização de recursos midiáticos é muito importante na construção da visão autista no Brasil, desde que seja confiável e que a imagem repassada seja a mais verdadeira possível.

**Palavras-chave:** Educação; Inclusão; Mídia; TEA.

ZANUZZO, A. V. **LEVANTAMENTO MUDIÁTICO DA REPRESENTAÇÃO AUTISTA NO BRASIL: ASPECTOS E INTERFERÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**. 2019. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

### **ABSTRACT**

This article brings the reality of autism representation on social media. Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a disorder characterized by deficits in socialization, learning, language, and social interaction. TEA children and adolescents in school have the right, by law, to specialized care, but these students and their families are not always aware of them. Social media have the function of information dissemination and socialization. Thus, the aim of this is to raise the pages that address autism, questioning whether the information passed on it help in socializing personal communication of autistic students in school. This survey was carried out on Facebook, Instagram, Twitter and Netflix streaming platform, separating the pages by the theme. It was noted that in some social media the lack of pages addressing the TEA and in others, the unreliability of the information passed on. The use of media resources is very important in building the autistic vision in Brazil, as long as it is reliable and the image passed on is as true as possible.

**Keywords:** Education; Inclusion; Media; TEA.





# SUMÁRIO

Introdução	8
Materiais e Métodos	11
Discussão	15
Conclusão	17
Referências	18

## Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um nome proposto em 2013 pela *American Psychiatric Association* (APA) para o que antes era conhecido como “Transtorno global do desenvolvimento- DSM IV<sup>1</sup>” (APA, 1994), que nada mais é do que o popularmente conhecido autismo. O transtorno foi descrito pela primeira vez por Léo Kanner em 1949, após ter sido relacionado por anos a episódios esquizofrênicos. De acordo com Santos e Vieira (2017, p.221), o TEA pode ser caracterizado por déficits, como o déficit de comunicação, de interação social e comportamental.

“O déficit na comunicação/linguagem pode ser encontrado com a ausência ou atraso do desenvolvimento da linguagem oral. Já o déficit na interação social é recorrente ao autismo, tendo em vista a falta de reciprocidade, a dificuldade na socialização e o comprometimento do contato com o próximo. E outro fator perceptível no autista é o déficit comportamental, onde se encaixa a necessidade do autista em estabelecer uma rotina, além dos movimentos repetitivos e as estereotípias, presentes na maioria dos casos.”

Os fatores limitantes para o diagnóstico são: prejuízo na comunicação, que pode incluir ausência ou limitação nos recursos de linguagem, além da presença de comportamentos repetitivos, como mover o tronco, dedos e outras partes do corpo, compulsivamente<sup>2</sup>.

De acordo com o Artigo 53 da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente, toda criança possui o direito à educação, independente de cor, credo, raça, condição financeira ou de saúde e sexualidade. Além disso, a educação é um dos principais alicerces da vida social, ela transmite e amplia a cultura social constituída, estende a cidadania e constrói saberes, e mais que isso, ela é capaz de ampliar as margens da liberdade humana.

Em todo mundo, durante muito tempo, o que era dito “diferente” foi colocado à margem da educação; o aluno com necessidades educativas especiais, particularmente, era atendido apenas em separado ou então simplesmente excluído do processo educativo regular,

---

<sup>1</sup> Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais

<sup>2</sup> De acordo com a 5ª edição do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V) de 2014,

ainda ligado a padrões de normalidade. A educação especial, quando existente, também se mantinha apartada em relação à organização e provisão de serviços educacionais.

Segundo Barros (2017, p.3) a partir da Declaração de Salamanca, 1994, da qual o Brasil é um dos signatários,

“(…)foi instituído dever do Estado incluir todas as crianças e jovens com necessidades educativas especiais às escolas regulares, cabendo-lhes as adequações indispensáveis, pois, são as escolas os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos.”.

Os fundamentos da inclusão escolar se centralizam numa concepção de educação de qualidade para todos, no respeito à diversidade dos educandos. O Brasil fez a opção pela construção de um sistema educacional inclusivo ao concordar com a Declaração Mundial de Educação para todos, firmada em Jomtien, na Tailândia em 1990, e ao se mostrar concordante com os postulados produzidos em Salamanca, Espanha em 1994, na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade. Desse documento, ressaltam-se alguns trechos em que se baseiam estes postulados:

- Todas as crianças, de ambos os sexos, têm direito fundamental à educação, e que a elas deve ser dada a oportunidade de obter e manter um nível aceitável de conhecimentos;
- Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprios;
- Os sistemas educativos devem ser projetados e os programas aplicados de modo que tenham em vista toda a gama dessas diferentes características e necessidades;
- As pessoas com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas comuns que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades;
- As escolas comuns, com essa orientação integradora, representam o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras, construir uma sociedade integradora e dar educação para todos; além disso, proporcionam uma educação efetiva à maioria das crianças e melhoram a eficiência e, certamente, a relação custo-benefício de todo o sistema educativo. (BRASIL, 1994, s/p)

A partir dessas declarações e acordos internacionais, utiliza-se então destas diretrizes para fundamentar a Lei de Diretrizes e Bases de 1996. A mesma dedica um capítulo para normatização do acesso dos alunos com necessidades especiais no ensino regular:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder público.

Parágrafo único. O poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (BRASIL, 1997, s/p).

Entretanto, mesmo com todas estas leis e diretrizes, a educação especial no Brasil, com ênfase na educação e inclusão de alunos com TEA, ainda passa por dificuldades como a falta de uma rede de apoio aos familiares e responsáveis, (RODRIGUES *et al*, 2012 p.12), escassa formação de professores capacitados, dificuldades no diagnóstico dos alunos, insegurança dos familiares e dos colegas de sala.

Como base, a minha experiência quando aluna exemplifica a dificuldade de inclusão e adaptação de um aluno TEA em um colégio particular na cidade de São José do Rio Preto - São Paulo. Esta experiência me abriu os olhos para as dificuldades da inclusão de alunos especiais:

*“O caso aconteceu no ano de 2010, quando um aluno autista se matriculou para cursar o primeiro ano do ensino médio em minha turma. O aluno era dito como “diferente e estranho” pelos nossos colegas e os episódios de sono, frequentes em sala de aula, eram o principal alvo das “brincadeiras e zoações”. Alguns professores demonstravam desconforto, mas também deixavam claro o despreparo para lidar com a situação. O aluno não recebia auxílio especial na aplicação de provas e alguns professores, inclusive, o repreendiam pelo seu mau desempenho. O despreparo ficou ainda mais claro quando um professor de determinada disciplina, junto com os colegas da turma, assustou o aluno em um dos seus episódios de sono, gerando desconforto e mal-estar para o aluno. O mesmo pediu licença para sair da sala e não retornou. No dia seguinte o aluno retirou sua matrícula do colégio e se matriculou em outro, mais adaptado e preparado para suas necessidades.”*

Este tipo de comportamento, tanto de alunos quanto de professores, apenas reforça a falta de preparo para a inclusão de alunos especiais. Outro fator que dificulta a inclusão destes

alunos é, além do diagnóstico tardio, a possível falta de conhecimento do transtorno por meio dos colegas de turma e seus familiares, o que pode gerar estranheza e preconceitos.

Essa falta de conhecimento pode ser resolvida através da informação passada em sala de aula, a informação vinda da família e, como grande aliada, também a repassada pela mídia, em especial pelas mídias sociais. Mídias sociais são, de acordo com Kaplan e Haenlein (2010, p.8), “um grupo de aplicações para Internet construídas com base nos fundamentos ideológicos e tecnológicos da Web 2.0, e que permitem a criação e troca de Conteúdo Gerado pelo Utilizador (UCG)”, ou seja, um ambiente na internet destinado a compartilhar conteúdo.

Em pleno século XXI sabe-se que a mídia, entendida como o complexo de meios de comunicação que envolve mensagem e recepção, por formas diversas, e cuja manipulação dos elementos simbólicos é sua característica central (EAGLETON, 1991), representa uma forma de poder essencial na aceitação popular, principalmente por influenciar a opinião de inúmeras pessoas sobre temas específicos (FONSECA, 2011, p.50).

Porém, “em conflito com o que se propõe na comunicação moderna – ser porta-voz dos cidadãos – a mídia se mantém alheia à maior parte dos fatos que têm modificado o entendimento a respeito do autismo, contribuindo, assim, para que mitos já superados pela ciência continuem povoando o imaginário popular...” (GUIMARÃES & MARTINS, 2006, p.1.)

Desta forma, este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento midiático utilizando redes e mídias sociais de grande alcance no Brasil em 2019, levantando endereços eletrônicos, documentários, filmes e séries que abordem o TEA. A partir disto, gerar uma narrativa sobre a inclusão especial, principalmente no âmbito escolar.

## **Materiais e Métodos**

Foi realizada uma busca no dia 29 de outubro de 2019, nas mídias sociais de maior alcance da atualidade. A escolha das mídias sociais analisadas seguiu o critério de Filho (2011, p.8), “Alcance, acessibilidade, usabilidade, imediatismo e permanência.”. Assim, chegou-se às redes: Facebook, com 120 milhões de usuários brasileiros, Instagram com cerca de 69 milhões de usuários ativos no Brasil, Twitter contendo 61 milhões de contas brasileiras e Netflix, sendo o último uma plataforma de *streaming* de filmes, séries e documentários *online*, porém uma grande fonte de apelo midiático nos dias de hoje.

A partir das mídias sociais escolhidas, buscou-se por páginas e perfis que utilizassem as palavras “autismo” e “autista”, nesta ordem, todas na língua portuguesa. Já na plataforma Netflix, os filmes, séries e documentários foram pesquisados sem critério de linguagem, sendo o único critério de escolha a presença de personagens dentro do espectro ou a abordagem do transtorno. Todos os dados levantados foram colocados em planilha para uma melhor análise, gerando resultados de interesse, principalmente pela discrepância entre uma plataforma e outra, com separação das páginas pela temática abordada (Figura 1).

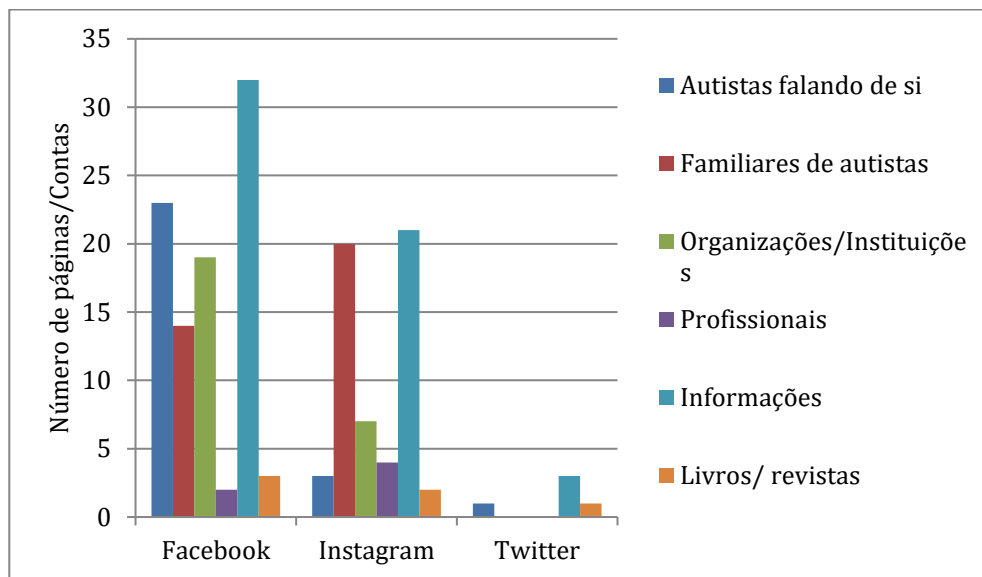


Figura 1- Relação das páginas quanto à temática nas mídias sociais Facebook, Instagram e Twitter.

## Resultados

No Facebook foram encontradas 93 páginas tratando do transtorno, sendo 23 delas escritas por autistas contando seu cotidiano e sua vida dentro do espectro, outras 14 páginas são escritas por familiares de pessoas autistas, podendo ser mães, avós, pais, irmãos e filhos, comentando as dificuldades de criação, educação e adaptação de pessoas com autismo, 19 páginas tratam de Organizações Não Governamentais (ONGs), escolas, instituições de apoio, grupo de acolhimento e Organizações Nacionais e representativas.

Adicionalmente, duas páginas são relacionadas à profissionais especializados no tratamento adequado de casos e pessoas dentro do espectro, sendo elas uma advogada e uma fonoaudióloga. Três páginas são referentes a revistas ou livros que possuem o autismo como tema principal. O maior número de páginas, 32, contém informações gerais sobre o TEA, divididas em informações sobre o próprio transtorno, informações que ajudem as famílias e amigos a lidar com o transtorno ou com a educação de crianças dentro do espectro.

Já no Instagram foram encontradas 57 contas que abordam o tema autismo, sendo elas três contas de autistas relatando sua vida dentro do espectro, 20 com a rotina e as dificuldades de familiares de pessoas com autismo, todas administradas pelos pais de crianças e adolescentes com o transtorno. Além disso, sete contas pertencentes a organizações e instituições de apoio a pessoas com autismo, quatro de profissionais especializados em autismo, no caso advogados e terapeutas e duas de revistas e livros. Mais uma vez, o maior número de contas trata de informações gerais sobre TEA, procurando auxiliar no conhecimento, desmistificação e tratamento de pessoas dentro do espectro.

O Twitter foi a mídia social na qual encontrei o menor número de contas, apenas cinco. Destas apenas uma conta pertence a uma autista, uma conta aborda assuntos de uma revista especializada no assunto e as outras três trazem informações sobre o transtorno.

Os filmes, séries e documentários contidos na Netflix abordam o tema com naturalidade, sem ser tratada como tabu. Porém não foi encontrado nenhuma mídia em português.

Foram encontradas três séries, porém a que mais chama a atenção é a americana *Atypical* (2017), que conta a história de Sam Gardner, um garoto de 18 anos que aos quatro anos foi diagnosticado com TEA e possui um quadro de alto rendimento, ou seja, embora haja dificuldade de socialização, repetição de movimentos e transtornos com relação a multidões e barulho, Sam é um garoto com a inteligência acima da média. A série aborda com transparência a relação dos familiares, amigos, educadores e profissionais que auxiliam em seu tratamento, com o transtorno, com a busca de Sam por autonomia e a relação do mesmo com sua vida dentro do espectro. A série traz humor e leveza a um tema que por muitos ainda é tratada como tabu e com dureza.

Dentre os oito filmes encontrados, a mais recente adição é *O Farol das Orcas* (2016), um filme argentino que conta a história de uma mãe, Lola, que leva seu filho autista, Tristán,

até a Patagônia em busca de um maior contato com as orcas que ali vivem, com a ajuda do pesquisador Beto, após ver que os animais despertavam em seu filho a empatia que ela nunca havia visto. A trama é repleta de elementos que fascinam quem assiste, belezas cênicas do deserto da Patagônia, a relação de Beto com as orcas e a relação de amor e companheirismo de Lola e Tristán e a forma delicada como a mãe trata o autismo do filho, deixando claro não se tratar de uma doença. O filme aborda também o caso de abandono paterno, muito comum nos casos de parentalidade atípica.

Foi encontrado apenas um documentário que aborda o tema, “ASPERGER’s are us” (2016), que acompanha a vida de uma trupe de comediantes formada por autistas que se conheceram em um acampamento em 2010 e realizaram apresentações durante oito anos. O documentário mostra como as pessoas dentro do espectro podem – e devem – possuir uma vida normal.

Dentre as mídias analisadas, notei principalmente a falta de informações confiáveis, vindas de profissionais da área médica ou de instituições que se comprometem com a realidade, sendo a partir do maior resultado obtido no Facebook, 93, apenas 19 páginas eram gerenciadas por instituições para autistas e duas páginas eram de profissionais da área. Nem todas as páginas escritas por autistas ou familiares possuem informações médicas, comportamentais e educativas adequadas, contando apenas com a experiência própria, não sendo uma fonte confiável de informação.

Outro fato que me causou estranheza foi a ausência de filmes, séries e documentários em português na plataforma Netflix. Qual seria o motivo desta ausência? Será que a falta de iniciativa e divulgação do transtorno pela plataforma é alimentado pelo desinteresse do público? Ou será que há falta de interesse por meio dos diretores e agências de cinema brasileiros? Para estes questionamentos, utilizei outra ferramenta de pesquisa, o Google, para saber se documentários, filmes e séries sobre autismo já foram feitos no Brasil. No primeiro resultado há uma reportagem com os dizeres: “‘Mundo Interior’: primeiro documentário brasileiro sobre autismo.”, este documentário foi lançado no ano de 2018 e também é caracterizado por ser “o primeiro longa-metragem brasileiro estritamente sobre autismo”. Portanto, nota-se o claro desinteresse pelo tema em questão, e este desinteresse possui sérias consequências sociais e políticas na vida dos autistas e de quem os cuida.



## Discussão

Primeiramente, é importante salientar que o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento das páginas que abordam o TEA nas mídias referidas, e não questionar a formação docente propriamente. É de dever do Estado e dos institutos educacionais qualificar devidamente seus professores para ensinar este aluno e, conseqüentemente, passar aos alunos a forma correta de lidar com os colegas autistas e preparar também as famílias destes para a convivência com pessoas dentro do espectro. Esse conhecimento é importante não apenas no âmbito escolar, mas na vida cotidiana.

Uma das maiores dificuldades na inclusão escolar de alunos TEA é o *bullying* que acabam sofrendo por serem “diferentes” e a falta de informação e educação que estes colegas recebem em casa é o que gera esta estranheza. A partir do momento em que crianças e adolescentes recebem em casa o conhecimento do que é o autismo e como se deve tratar um autista, a convivência e a inclusão nas rodas sociais escolares são facilitadas.

Muitas vezes o próprio núcleo familiar do aluno dificulta a socialização deste. As famílias veem no autista tamanha dependência que muitas vezes não existe. Desta forma, não deixam que os filhos saiam com colegas, brinquem ou trabalhem, gerando uma superproteção muitas vezes desnecessária. A série da Netflix, *Atypical* (2017), demonstra um caso de superproteção parental. A mãe do personagem principal desacredita na capacidade do filho de viver uma vida normal estando dentro do espectro, temendo, por exemplo, a vontade do adolescente em ter uma namorada e, conseqüentemente, relações sexuais.

Outro exemplo de superproteção é a vinda por parte dos pais e familiares dos colegas de turma do aluno dentro do espectro, que julgam o autista por informações falsas, geralmente frutos do conhecimento popular. Uma criança autista é popularmente caracterizada como agressiva e introspectiva e dentre os resultados do levantamento, encontrei páginas no Twitter tratando o transtorno de forma pejorativa, geralmente julgando qualquer pessoa desligada, preguiçosa e agressiva como um autista. Num geral, há o medo dos filhos serem agredidos fisicamente pelo colega autista. Este estereótipo autista é reforçado pela população e reflete nas mídias sociais, que divulgam as chamadas *fake news*.

*Fake news* são informações falsas divulgadas pela mídia com alta capacidade de viralização, de forma proposital ou não. Nas páginas analisadas, muitas das informações repassadas não são confiáveis pois não há referências de profissionais. Como a maioria das páginas são baseadas na vida cotidiana de familiares de autistas, é importante levar em

consideração que existem inúmeros perfis de autismo. Citando Santos e Vieira, (2017, p.222) “É preciso reconhecer que por mais parecidos que sejam, cada situação é singular, nenhum autista é igual ao outro”, sendo assim, como as pessoas podem retirar auxílio na socialização de autistas utilizando a experiência envolvendo outros autistas?

A forma correta de aprender sobre a socialização é buscando ajuda de profissionais da área (psiquiatras, terapeutas, médicos e profissionais da educação habilitados), que saibam as particularidades do autista em questão e tratem o caso com o cuidado necessário, na área educacional, por exemplo, “o professor, desenvolverá junto com a família, um trabalho pedagógico incluindo as dificuldades do autista” (SILVA, 2018, p.22). Banalizar a vida diária com autistas pode trazer traumas e ataques por meio do autista. Este tratamento desrespeitoso também pode vir por parte da própria família, que não aceita o diagnóstico de autismo e negam à criança os devidos direitos.

Como citado inicialmente, existem leis, diretrizes e bases que envolvem a educação especial e o tratamento educacional correto para alunos autistas, como por exemplo a reabilitação pelo SUS (Sistema Único de Saúde), quando necessário.

“Foi instituído, em 22 de maio de 2013, por meio da Portaria nº 962/2013, um Comitê Nacional de Assessoramento para Qualificação da Atenção à Saúde das Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo no âmbito do Ministério da Saúde, com o objetivo de “[...] promover a articulação e o alinhamento entre os campos da reabilitação e da atenção psicossocial para qualificação da atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo no âmbito do Sistema Único de Saúde” (BRASIL, 2013, p.1)” (OLIVEIRA *et al*, 2017, p.713)

Portanto, as mídias sociais possuem o dever de divulgar estes direitos, como acontece nas páginas e perfis no Facebook e Instagram que pertencem aos profissionais do direito. Já outras páginas, como as páginas de instituições de ensino, ONG's e institutos de apoio e acolhimento, promovem auxílio a quem lida diariamente com o autismo. O intuito dessas mídias é oferecer informações e auxílios a quem lida com o TEA diretamente, ajudando na importante tarefa que é tornar a vida do autista a melhor possível em meio a tantas adversidades.

## Conclusão

Concluindo, as séries, filmes e documentários se mostraram essenciais na construção da imagem dos autistas como seres independentes e amorosos. O simples fato de elas abordarem o autismo como tema principal já demonstra a importância deste na sociedade e como a vida dos autistas afeta a todos ao seu redor. Por meio destas mídias, diferentes graus de autismo sendo superados pelos personagens, indo além de seu diagnóstico com superação de suas adversidades.

Nos perfis no Twitter, a falta de representação preocupa, visto que o twitter é a rede social que mais cresce há anos, e por apresentar caráter informativo, como afirma Recuero & Zago (2010, p.75)

(...) é possível perceber que o Twitter tem, sim, um forte caráter informativo (62.2% dos tweets coletados eram informativos ou continham algum tipo de informação), talvez maior que o conversacional. Ou seja, o Twitter parece ser muito utilizado para que os usuários repassem notícias (46.7%), opiniões (25.3%) e informações gerais, normalmente acompanhadas por um link (29.1%).

Nos perfis do Instagram, a representação do autista é baseada no dia a dia e no cotidiano, nos aproximando de sua realidade. As páginas que se propõem a divulgar informações também estão cheias de imagens com frases motivacionais e de superação, levando o autismo com leveza, humor e simplicidade. Já no Facebook, são diversas páginas abordando diversas visões do autismo e quem busca saber mais do autismo por lá, deve apenas tomar cuidado para buscar fontes seguras e fugir de “achismos”. Se souber como procurar, encontrará páginas com lindas experiências e histórias de vida emocionantes, além de indicação para ajuda legal, psicológica e médica em todo o Brasil.

A vida dentro do espectro possui diversas adversidades e as mídias sociais podem melhorar ou dificultar ainda mais a socialização de autistas, principalmente no âmbito escolar. O TEA é um transtorno recente, sendo descoberto apenas em meados do século XX, e ainda há muito que ser descoberto sobre ele. Portanto, a disseminação de pré-conceitos e *fake news* apenas prejudicam o trabalho de quem se propõe a desmistificar o autismo. Desta forma, a representação do transtorno nas mídias sociais possui um papel fundamental na formação da opinião pública, e a má representação do autismo dificulta ainda mais a socialização e educação dos autistas, afetando milhões de brasileiros.

## Referências

- BARROS, M. C. M. S. et al. Educação Inclusiva: possibilidades e desafios. **10º Encontro Internacional da Formação de Professores**, São Paulo, v. 10, n. 1, p.1-13, mar. 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/5454> Acesso em: 07 nov. 2019
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394, de 1996. Brasília, 1997. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 26 out. 2019
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politica\\_educacional.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politica_educacional.pdf). Acesso em: 07 nov. 2019.
- EAGLETON, Terry. Ideology, an introduction. Oxford: Verso, 1991. Disponível em: <https://elibrary.ru/item.asp?id=8568999>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- FONSECA, F. Mídia, poder e democracia: teoria e prática dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, p. 41-69, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522011000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522011000200003&script=sci_arttext). Acesso em: 07 nov. 2019
- GUIMARÃES, N.; MARTINS, M. **O autismo na mídia: considerações a respeito dos critérios de noticiabilidade**. Cadernos da Escola de Comunicação. nº04. p.: 01-09, 2006. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/1946>. Acesso em 09 nov. 2019
- KAPLAN, A. M.; HAENLEIN, M. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. **Business Horizons**, [s.l.], v. 53, n. 1, p.59-68, jan. 2010. DOI: 10.1016/j.bushor.2009.09.003. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/222403703\\_Users\\_of\\_the\\_World\\_Unite\\_The\\_Challenges\\_and\\_Opportunities\\_of\\_Social\\_Media](https://www.researchgate.net/publication/222403703_Users_of_the_World_Unite_The_Challenges_and_Opportunities_of_Social_Media). Acesso em: 26 out. 2019.

OLIVEIRA, B.D.C. et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação1. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 707-726, Jul, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v27n3/1809-4481-physis-27-03-00707.pdf>. Acesso 14 nov. 2019.

PUGAS FILHO, J. M. O uso das mídias sociais como ferramentas de gestão de stakeholders: o caso jumocom. **VII CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO**. Rio de Janeiro, p.19. Disponível em: [http://www.inovarse.org/sites/default/files/T11\\_0452\\_2158.pdf](http://www.inovarse.org/sites/default/files/T11_0452_2158.pdf) Acesso em: 02 nov. 2019.

RECUERO, R; ZAGO, G. **Em busca das “redes que importam”:** redes sociais e capital social no Twitter. Líbero, São Paulo, v.12, n.24, p. 81-94, 2009. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Em-busca-das-%E2%80%99Credes-que-importam%E2%80%99D.pdf> Acesso em: 09 nov. 2019.

SANTOS RK. **Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional**. Universidade Federal Rural do Semi-Árido. 2017; 3:219-232. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7413> Acesso em: 09 nov. 2019

SILVA, M. T. da. **Educação inclusiva: a aprendizagem e educação do aluno autista (TEA)**. 2018. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade Anhanguera de Taguatinga, Taguatinga, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/22746>. Acesso em: 9 nov. 2019.

UNESCO (1994). **Declaração de Salamanca:** sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas. Especiais. Brasília, DF: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.